



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

ATENTADOS EM IMAGENS: ENTRE A PERMANÊNCIA E O VALOR NA CIRCULAÇÃO

ATTACKS ON IMAGES: BETWEEN PERMANENCE AND VALUE IN CIRCULATION

Aline Silva dos Santos¹
Graziele Iaronka²
Ana Paula da Rosa³

Resumo: Imagens, vídeos, informações em tempo real via web compõe o intrincado jogo das coberturas jornalísticas de atentados terroristas. Neste artigo, buscamos identificar como estas coberturas foram realizadas no Brasil, principalmente no que tange à oferta de imagens e seus modos de circulação. Assim, nos propomos a investigar que imagens são estas que circulam sobre os atentados? Além disso, iremos abordar a importância da midiática e dos processos de circulação intermediária, principalmente a partir da verificação de novos modos de fazer jornalismo, afetados pelo que é produzido pelos atores sociais que fomentam uma teia midiática. O estudo em conjunto se baseará no recorte de dois atentados, o da casa de espetáculos Bataclan (2015) e o atentado no show da cantora Ariana Grande em Manchester (2017).

Palavras-chave: Midiatização; Circulação; Imagem; Atentados Terroristas.

Abstract: Images, videos, real-time information via the web compose the intricate game of journalistic coverage of terrorist attacks. In this article, we seek to identify how these coverages were realized in Brazil, mainly in relation to the offer of images and their modes of circulation. So, we propose ourselves to investigate: what images are

¹ Graduanda em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS. E-mail: aline.s.santos82@gmail.com

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista de Iniciação Científica UNISINOS – Pratic. E-mail: graziele.iaronka@gmail.com

³ Jornalista e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. É docente e pesquisadora do PPG em Ciências da Comunicação na UNISINOS, na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

these circulating about the attacks? In addition, we will discuss the importance of mediatization and inter-media circulation processes, especially from the verification of new ways of doing journalism, affected by what is produced by social actors that foster a media web. The joint study will be based on the cut of two attacks, that of the Bataclan house of shows (2015) and the attack on the concert of the singer Ariana Grande in Manchester (2017).

Keywords: mediatizaion; circulation; images; terrorist attacks

Introdução

O fenômeno da midiatização tem cada vez mais se configurado como um novo “modo de ser no mundo” (GOMES, 2017) que transforma nossas formas de ver e compreender o ambiente no qual estamos inseridos. O jornalismo, tão ligado à códigos e regras passa por um processo de adaptação, já que não mais detém o controle pleno da informação. Esta está disponível de diversos modos, diretamente ao ator social, superando o papel central que os meios detinham até os anos 90. Isto implica dizer que na sociedade em vias de midiatização, o jornalismo precisa adequar suas estratégias para continuar chancelando os assuntos relevantes e, logo, as imagens a serem vistas.

É neste cenário de tensão e de infinitas disputas que o sentido começa a ganhar força. Tanto atores sociais como instituições midiáticas possuem condições de atribuir valor à determinadas imagens, no entanto, apenas algumas adquirem as condições de permanência e fixação no imaginário coletivo e social. Diante disso, este artigo visa discutir que imagens e sentidos circulam sobre os atentados terroristas no Brasil tomando como recorte dois atentados: Bataclan (2015) e Manchester (2017). Esta proposta é parte dos estudos iniciais, de coleta de dados empíricos realizadas no âmbito da Iniciação Científica, do projeto de Cooperação Brasil-Argentina, intitulado “Circulação das Imagens: permanências, esvaecimentos e novos modos de partilha do visível” contemplado no edital CNPQ/Universal 2016, sob a coordenação da prof. Dr. Ana Paula da Rosa.

O foco deste artigo, portanto, está em identificar como as coberturas jornalísticas dos atentados foram realizadas no Brasil, principalmente no que tange à oferta de



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

imagens e seus modos de circulação. Assim, nos propomos a identificar que imagens são estas que circulam sobre os atentados? São imagens produzidas por atores ou por agências de notícia? Há alguma padronização entre as publicações? E de que modo os sites de redes sociais afetam o próprio fazer jornalístico? Tais questões ainda são bastante preliminares, mas já dão conta de uma riqueza interpretativa em jogo sobre o fenômeno que se observa.

1. Da constituição do caso às inferências preliminares

Este artigo está centrado no aspecto exploratório do empírico que está sendo configurado, metodologicamente, como estudo de caso. Ou seja, consideramos que os três atentados que configuram nosso corpus investigativo integram um único caso de pesquisa. Este caso é o da disputa para configurar o visível realizada entre instituições midiáticas e atores sociais, portanto, o foco é a circulação das imagens e seu potencial de permanência no imaginário coletivo. No entanto, para configurar este caso é preciso observar as especificidades de cada um destes atentados terroristas ocorridos entre 2015 e 2017. A opção por tais episódios é que estes apresentam uma cobertura que não se fecha de sentido, isto é, não vinculada apenas aos acontecimentos em si, mas que se articulam e se hibridizam em termos de lógicas com o passar dos anos, sendo possível, identificar marcas de uma cobertura em outra.

Assim, é preciso levar em conta as especificidades de cada atentado para depois inferir sobre suas semelhanças e analogias. O atentado à casa de eventos Bataclan, ocorreu 10 meses após a ação no jornal francês e resultou em 89 mortos. A boate, que recebe em boa parte o público LGBT, foi cenário de um tiroteio durante o show da banda de rock Eagles of Death Metal. Deste acontecimento também três imagens se destacam: 1) um registro amador em vídeo dos tiroteios e do desespero no interior da boate; 2) uma jovem grávida dependurada na janela do estabelecimento e 3) as ações de retirada dos feridos (figura 02).

Figura 01 – Jornais montam galerias com as imagens da retirada dos feridos



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais



Fonte: Montagem de publicações do Portal G1

Por fim, o atentado de Manchester, ocorrido em 2017, durante um show da cantora americana Ariana Grande, contabilizou deixou 22 mortos e mais 50 pessoas feridas. Quanto às imagens, o atentado foi marcado por: 1) registros amadores do local do show, principalmente, com crianças feridas; 2) fotografias dos primeiros atendimentos às vítimas e 3) manifestações via twitter (figura 03) de artistas do mundo todo que desencadearam um show posterior da mesma artista em homenagem às vítimas.

Figura 02– Artista se manifesta nas redes e comove Inglaterra

Fonte: Extração do Portal G1



Deste conjunto observa-se que nos três atentados temos: a) a atuação de atores sociais na produção do acontecimento e de suas imagens; b) uma unificação das imagens jornalísticas a partir de agências de notícias internacionais como Reuters e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Associated France Press e c) uma intensa circulação que perambula entre os veículos jornalísticos tradicionais e os sites de redes sociais, em especial o Twitter e o Facebook. Infere-se inicialmente que há uma negociação entre atores e instituições midiáticas para definir a imagem-síntese do atentado, tendo em vista que a imediaticidade do registro coube, nos três casos a atores sociais. No entanto, é no tratamento jornalístico que tais imagens ganham circularidade e valor, acionando movimentos de fagia social e midiática (ROSA, 2015). No entanto, o fluxo adiante é constituído pelas repercussões seja no espaço dos comentários dos jornais ou nas apropriações realizadas no âmbito das redes como o surgimento de *hashtags*, movimentos sociais e vigílias, além da mobilização para uma unificação dos acontecimentos em torno do terrorismo e da islamofobia. Isto implica dizer, que mesmo perante ofertas múltiplas há uma tentativa de chancela do visível que se dá, a priori, nas relações de valor que acabam por excluir outras imagens do circuito.

Por se tratar de um trabalho em fase inicial⁴, observa-se que há avanços necessários em termos teóricos e metodológicos, contudo as análises empíricas iniciais já apontam indícios importantes para a compreensão não só das imagens em circulação, mas do próprio jornalismo em tensão. Um exemplo disso são as coberturas de grandes veículos como G1, Folha de São Paulo que seguem lógicas de veículos internacionais que se baseiam não mais na entrevista, no contato com a fonte, mas na curadoria de conteúdo das próprias redes, inclusive utilizando colagens de postagens como depoimentos. O que tais indícios nos permitem refletir sobre a informação em jogo? Antes de adentrarmos na análise, vamos nos voltar para alguns conceitos centrais que nos permitem compreender o objeto.

2. Mídia e Processos Sociais

A mídia e processos sociais é um conceito em permanente construção. Diversos autores do norte e do sul investigam o fenômeno a partir de suas epistemologias, observando atentamente que a expressão está longe de significar apenas aquilo que está na mídia.

⁴ Considera-se como um trabalho inicial uma vez que o projeto Universal está em desenvolvimento, tendo atividades previstas até 2019. Isto implica dizer que são estudos ainda embrionários e que estão em fase de sistematização



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Ao contrário, o termo- conceito volta-se a pensar o processo comunicacional e o atravessamento de lógicas midiáticas no tecido social. Tal atravessamento manifesta-se e é perceptível em uma gama de dispositivos midiáticos. A anatomia destes dispositivos evoluiu com o tempo, em que não somente os aparatos tecnológicos do século XX eram percebidos como ferramentas interacionais, mas também os objetos oriundos do contexto histórico anterior em questão. Neste sentido, Pedro Gilberto Gomes (2016) amplia a explanação:

A sociedade em processo de mediatização é maior, mais abrangente, que a dinâmica da comunicação até agora levada a cabo na chamada sociedade dos meios. Não é somente a comunicação que é potencializada, isto é, não são apenas as possibilidades de comunicação, por meios tecnológicos extremamente sofisticados, que caracterizam o contexto atual, mas a sofisticação tecnológica, amplamente utilizada pelas pessoas desde a mais tenra idade, cria um novo ambiente matriz que acaba por determinar o modo de ser, pensar e agir em sociedade. A esse ambiente matriz designamos de “sociedade em mediatização”. (GOMES, 2016, p.18).

Para o autor, a mediatização relaciona-se com a questão da “mediação”, pois no momento atual o próprio sujeito é percebido e atua como “dispositivo” em suas interações interpessoais, sendo o indivíduo um canal informacional que propaga e adapta o conteúdo:

A mediatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em mediatização. O ser humano é em mediatização. Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo. (GOMES, 2016, p.18).

Este modo de ser e viver em sociedade, é percebido por Ferreira (2009), como autonomia, unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: processos comunicacionais, contextos sociais e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

dispositivos. Estas dimensões são fundamentais para entender a comunicação realizada na contemporaneidade, que implica na constituição de uma ambiência (GOMES, 2013) onde consumidores e produtores se revezam na produção de materiais significantes, isto é, rompe-se com as noções clássicas de gramáticas de produção e de reconhecimento, sem que elas desapareçam, para atribuir força ao processo circulatório, que quanto mais assume sua complexidade, mais revela a própria mediação social (FAUSTO NETO, 2010) e constitui-se em fluxos sempre adiante (BRAGA, 2012).

E é exatamente investigar como a imagem é inscrita nestes fluxos que este artigo, dentro da proposta do projeto de pesquisa em cooperação com a Argentina, se propõe, uma vez que parte-se da hipótese de que a circulação constitui-se em uma relação de valor (ROSA, 2016), portanto poder simbólico, onde o visível é construído com base na partilha de produções em dispositivos. Dito de outra forma, entendemos que a figura do receptor cede espaço para os atores sociais mediados que, cada vez mais, se colocam na postura de produtores, também participando da construção do sentido social ou como afirma Carlón (2012) como enunciadores midiáticos. No entanto, interessa descobrir que imagens ganham relevância nos *memes*, vídeos, postagens sobre os atentados? Que imagens são chanceladas para permanecer na circulação e, portanto, serem visíveis? Calvino (1998) alertava para as imagens que se dissolvem imediatamente, a proposição, aqui, é inversa, quais são as imagens que permanecem ofuscando nossos olhos mesmo perante ofertas múltiplas?

3. A circulação como valor e os movimentos fágicos

Ao nos situarmos na ambiência da mediação, esse processo em contínuo desenvolvimento, consideramos como ponto de partida que as imagens são partes integrantes da cultura, ao mesmo tempo em que fomentam operações culturais que se instalam no seio da sociedade. Se a mediação implica o afetamento social por lógicas midiáticas, é possível dizer que as imagens mediadas apresentam uma tripla condição: a) afetam o coletivo, mobilizando a produção de sentido e a consolidação ou não de imaginários sociais; b) emergem de uma disputa pela atribuição de valor ao visível e c) implicam no conhecimento técnico e em apropriações não antes necessários, mas que no espaço da mediação se consolidam pelas condições de acesso aos



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

aparatos. Como por exemplo saber editar, usar filtros, o que gera uma potencialização do amador. É neste cenário que nos deparamos com novos modos de pensar, ver, produzir e compartilhar imagens.

Assim, partimos do pressuposto de que as imagens inseridas no processo de circulação, seja por instituições jornalísticas ou atores sociais, possuem um “tempo de vida” dilatado. Ou seja, não são mais configuradas como referências de acontecimentos, mas como as imagens-sínteses que duram para além da vida dos acontecimentos a que se referem. Desta forma, por movimentos de fagia (ROSA, 2016), portanto de consumo, a circulação se configura numa relação de valor, onde o visível é definido em disputa, mesmo quando a visibilidade implica em invisibilidades e, logo, em sombreamentos. Quando nos voltamos para os episódios que constituem nosso caso nos deparamos com fagias múltiplas, tanto sociais quanto midiáticas. Tome-se por exemplo o caso do atentado de Manchester, acompanhado minuto a minuto pelas redes sociais, com registros amadores de dentro do local do show ou com os pronunciamentos policiais via redes.

As fagias são movimento de circulação e dão conta do modo como instituições jornalísticas e atores sociais valorizam, na interação, determinadas imagens mesmo quando estas não se presentificam materialmente, como ocorre no Bataclan. No caso dos atentados, vemos que a fagia social é aquela manifesta pelo consumo e replicação de determinadas fotografias, de modo quase automático, pelos atores sociais. Estes publicam em suas páginas do *Facebook* e demais redes sociais as imagens que foram disponibilizadas por instituições jornalísticas, incluindo agências notícias, mas também por outros atores que tiveram condições de produção potencializadas pela presença, algo que remete à figura do jornalismo de “testemunha ocular da história”.

Percebe-se um circuito de inscrições das mesmas imagens e vídeos, numa tentativa de atribuir sentido aos eventos. Da mesma forma, a fagia midiática é aquela em que as instituições jornalísticas absorvem imagens de outros meios ou de páginas de atores sociais. No entanto, não se trata de apenas trazer para si, mas de uma espécie de “tragar” ou deglutir as imagens, já que estas são reelaboradas conforme os enquadres e padrões jornalísticos, revestindo-as de uma espécie de legitimidade outra. Ou seja, os movimentos de fagia são movimentos de valorização, de uma espécie de



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

reconhecimento de validade, mas ao mesmo tempo são movimentos tentativos de fechamento ou de gestão do sentido. De um lado o social, ao tentar se apropriar das imagens que circulam. De outro o jornalismo que não se refere mais ao fato diretamente, mas às imagens que já circulam sobre ele em outros espaços.

Isto implica dizer, que as imagens técnicas (aquelas produzidas por e para aparatos) que adquirem mais espaço, principalmente na Internet, são também as imagens que deslocam a referência, que se voltam para autonomizações e abstrações, como temos visto na cedência do lugar do testemunhal e do registro jornalístico, para as imagens fora de foco, flagrantes de atores sociais ou mesmo metáforas visuais. A cedência ou tensão do jornalismo é um dos pontos a ser recuperado nas materialidades empíricas, já que dentro do estudo sobre o atentado ao Bataclan percebe-se, claramente, esta apropriação dos meios e dos indivíduos, configurando o processo de mediação e de tensão do lugar de fala do jornalismo. É o caso dos atores sociais apropriando-se dos fazeres jornalísticos, utilizando dispositivos interacionais fora do conceito primário pré-estabelecido, isto é, subvertendo a lógica do dispositivo. Há também o movimento inverso, o jornalista percorrendo o cenário valendo-se das ferramentas utilizadas pelos internautas, transfigurando o fazer jornalístico em linguagem informal.

4. Análise dos observáveis: três atentados, lógicas que se prolongam

Neste tópico nos voltamos a analisar os três atentados. São análises iniciais da cobertura jornalística tendo como recorte os mesmos veículos como o Portal G1 e a Folha de São Paulo. A intenção não é considerar que estes dispositivos jornalísticos detêm a legitimidade, mas evidenciar que estratégias foram adotadas em cada um dos episódios, para posteriormente realizar uma análise de conjunto. Assim, partimos para a observação empírica em ordem cronológica do Bataclan a Manchester, atentando, porém, para o fato de que os três episódios possuem inscrições atuais na circulação como a lembrança dos 3 anos do Charlie ou um videoclipe alusivo às vítimas de Manchester feito por Ariana Grande.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

4.1 – Bataclan: um show de horrores

4.1.1 – Contextualização do episódio

A capital francesa presenciou no ano de 2015 um acontecimento que marcou a lembrança de todos os parisienses: o atentado ao Bataclan. Mais precisamente no dia 13 de novembro, a casa de espetáculos Bataclan, local que recebe em boa parte o público LGBT foi cenário de um tiroteio que deixou ao menos 89 mortos. A ação iniciou no momento em que o grupo musical *Eagles of Death Metal* fazia sua apresentação ao público local.

Conforme informações do site G1, a França sofreu cerca de 10 atentados desde 2015 e acredita-se que o país tenha se tornado alvo do Estado Islâmico (E.I.) e da Al Qaeda com maior intensidade desde as sátiras promovidas pelo jornal Charlie Hebdo.

4.1.2 – A circulação do fato e as imagens

Os veículos de comunicação repercutiram o atentado de diferentes formas, com manchetes e imagens explorando determinados pontos. A cobertura midiática brasileira sobre o caso, mais especificamente os sites G1 e Folha, repercutiram a notícia com imagens de agências internacionais como a Reuters e Agence France-Presse (AFP). Não houve imagens de fotógrafos de veículos brasileiros. Outra questão observada nas imagens é que a maioria delas apresentam em sua composição, os grupos de resgate e emergência da França, neste sentido tem-se a impressão de que o país deseja passar a imagem de socorro imediato, atendimento rápido e preocupação com as vítimas.

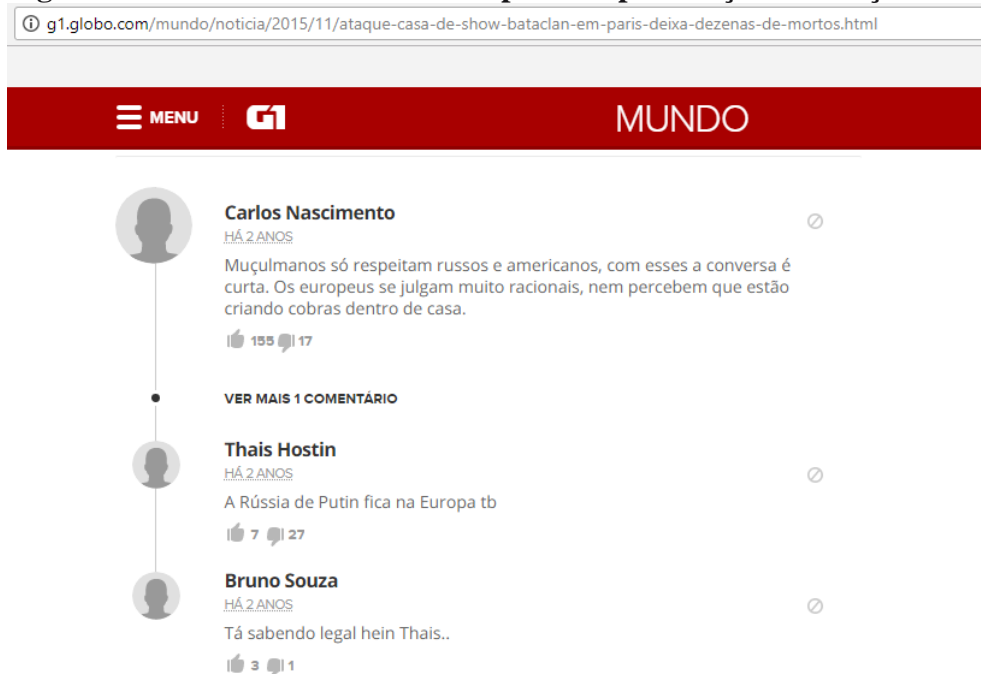
Uma similaridade entre a cobertura imagética dos dois veículos é que ambos apresentam vídeos nas reportagens, feito por instituições jornalísticas, e um destes vídeos apresenta a imagem e fala do presidente francês François Hollande, que em seu discurso lamenta o ocorrido no país e anuncia à população as estratégias a serem tomadas para proteger os habitantes.

Com relação aos comentários de ambos os sites analisados, portanto ao processo de circulação do episódio, temos em alguns comentários uma ojeriza aos muçulmanos e ao Oriente Médio de forma generalizada, em que a história, cultura e religião são vistas com preconceito, consolidando um pensamento padronizado no imaginário popular.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Figura 03 - Estabelece-se um estereótipo de culpabilização dos muçulmanos



Fonte: G1

Na conjuntura do atentado houveram diversas gravações em vídeo feita por atores sociais mostrando o momento do ataque na casa noturna. Abaixo um print de um vídeo no youtube feito pelo jornalista Daniel Psenny do Le Monde e da Agência France Press (AFP) de onde o G1 e Folha buscaram suas informações. A cena registrada pelo jornalista foca nos feridos, mortos e nas pessoas que estavam em fuga durante o atentado.

Figura 04 - O jornalista do Le Monde / AFP registra o momento da retirada dos feridos e mortos



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais



Attentats: images de victimes fuyant le Bataclan

789.288 visualizações

1,5 MIL

330

COMPARTILHAR



AFP

Publicado em 14 de nov de 2015

INSCREVER-SE 174 MIL

Fonte: AFP / Le Monde (Youtube)

A próxima imagem mostra uma replicação do material da Globo feita pelo usuário "Troyner informática" que replica o conteúdo do Plantão da Globo e insere textos explicativos sobre o acontecido. Temos aqui uma apropriação de um ator social sobre os fazeres jornalísticos.

Figura 05 - Usuário aplicando fazeres jornalísticos em seu vídeo.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

YouTube BR bataclan atentado

Às 21h40 (horário de Brasília), a polícia invadiu a casa de espetáculos Bataclan, onde mais de 100 pessoas estavam sendo mantidas reféns, após relatos de que pessoas estariam sendo executadas. Dois terroristas foram mortos na ação. Dez minutos antes da invasão, foram ouvidas três explosões perto do local.

13 NOVE
PASSAGE
11ÈME ARROI

Atentado terrorista em casa de shows Bataclan Paris

1.365 visualizações

Troynar Informatica
Publicado em 14 de nov de 2015

INSCREVER-SE 17

Fonte: Youtube

Percebe-se nestas intervenções uma mescla de papéis entre os atores sociais, tanto das instituições jornalísticas como do usuário comum que reproduzem e replicam material informativo do caso transcendendo esferas de origem. Embora estes indivíduos estejam em instâncias pré-estabelecidas, ambos percorrem trajetórias de circulação que se homogeneízam.

4.2 – Entre o show e o choque

No dia 22 de maio de 2017, em Manchester, na Inglaterra, por volta das 22 horas 33 minutos - 18 horas e 33 minutos pelo horário de Brasília - segundo a informação do site *El País*, um atentado terrorista deixou em estado de choque uma legião de fãs da cantora norte-americana Ariana Grande, após o show que essa realizou no país.

O ataque, que deixou 22 mortos e mais 50 pessoas feridas, ocorreu próximo a um estádio localizado perto da Manchester Arena, no Reino Unido. O local onde ocorreu o show tinha como capacidade máxima 22 mil pessoas. A notícia da confirmação do ataque foi divulgada pela equipe organizadora do evento por meio do



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Twitter. A cantora em seu perfil no Twitter prestou solidariedade às vítimas e mostrou-se muito abalada com a situação.

Ocasionado pelo britânico Salman Abedi, de 22 anos, descendente de uma família da Líbia, o suspeito foi identificado pela polícia de Manchestre como o autor do atentado a bomba. O Jornal *o Globo* informou, no dia 23 de maio de 2017, a comemoração do ato “*Partidários do Estado Islâmico comemoraram a ação nas redes sociais. Contas do Twitter associadas ao grupo usaram hashtags referindo-se à explosão para publicar mensagens de celebração, com alguns usuários encorajando ataques semelhantes em outros lugares*”. Ou seja, apesar da gravidade do fato, desdobramentos foram percebidos nas redes, não apenas na instalação de uma rede de solidariedade, como também na comemoração do ocorrido, o que amplifica os conflitos sociais.

4.2.1 A circulação do fato e as imagens

Com base nos portais de notícias analisados – G1 e Folha de São Paulo – é possível perceber que os dois veículos utilizaram de vídeos feitos por amadores para poder estruturar a notícia. O G1, por exemplo, uniu os vídeos coletados dos amadores – por meio de redes sociais – com as informações do correspondente que estava em Londres.

Figura 06 - Frames do vídeo que abre a reportagem do G1.



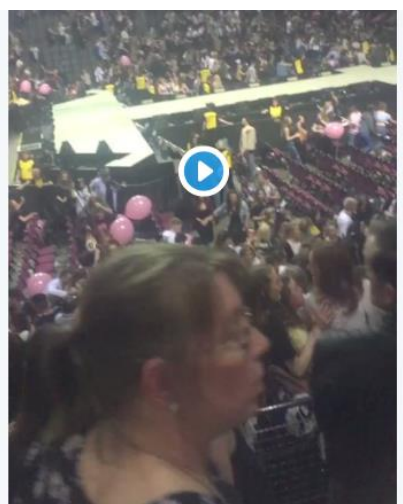
A *Folha de São Paulo* também traz imagens e vídeos feitos pelos fãs, entretanto, não apresenta uma montagem em vídeo como o *G1*. Ao analisar os recursos de imagem utilizados para noticiar dos dois meios de comunicação, encontra-se semelhanças. Ambos utilizaram vídeos do atentado que foram compartilhados em perfis do Twitter.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Grande parte dos vídeos mostram o desespero na hora do atentado e durante a saída do público de dentro do estádio.

Figura 07 e 08 – Vídeos utilizados nas reportagens para informar o atentado.



hannah
@hannawwh
EXPLOSION AT MANCHESTER ARENA AND EVERYONE RAN OUT SO SCARY 🤯
7:00 PM - May 22, 2017
♥ 47.4K 💬 39.4K people are talking about this

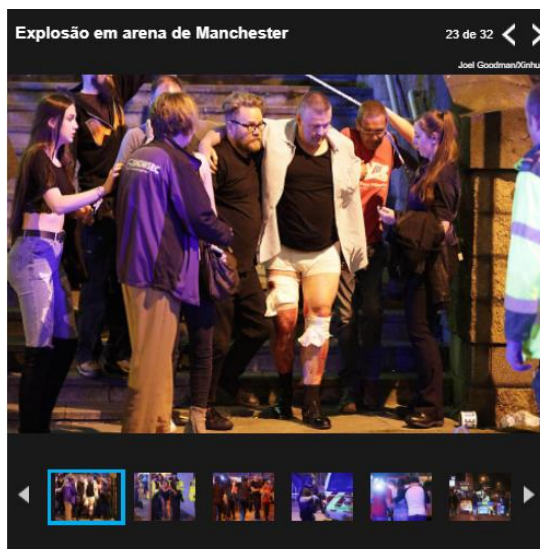


Michael Moates
@mimoates
Video: Explosion at @ArianaGrande concert in the UK.
8:12 PM - May 22, 2017
♥ 5 👤 See Michael Moates's other Tweets

Fonte: Extrações do G1 e Folha e São de Paulo que remetem a páginas de atores.

É notável que o Twitter foi a rede social que mais forneceu materiais para as reportagens. Entretanto, imagens de fotógrafos estrangeiros ou de agências de notícias ajudaram a compor as informações, mostrando a dor o pavor do ataque. As fotos apresentam os feridos sendo retirados, o trabalho da polícia e as pessoas em busca de informações sobre quem estava lá dentro.

Figura 09: Galeria de montada pela Folha de



fotos São Paulo.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Fonte: Folha de São Paulo

Diante das imagens e vídeos utilizados na reportagem, foi possível compreender que os amadores, fotógrafos estrangeiros e agências de notícias foram essenciais para poder mostrar de perto todos o desdobramento do acontecimento. Os vídeos permitiram que o mundo tivesse uma noção “mais real” do caos durante o atentado. Além disso, as imagens ajudaram a construir o momento durante e pós- atentado, mostrando o trabalho do resgate, o auxílio as vítimas e a preocupação da sociedade no local do desastre.

Destaca-se que neste episódio o dispositivo foi fundamental para disseminar informações e ao mesmo tempo como fonte jornalística. Isto porque irromperam muitas hashtags como “Manchester”; “Ariana” ou “PrayForManchester”. Este fazer dos atores sociais, dinamizado pelos fãs da cantora Ariana Grande, passou a configurar um modo de por o fato em circulação, transformando em acontecimento não somente as vítimas desaparecidas ou feridas, mas as celebridades que manifestam sua solidariedade.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Figura 10 – Imagem de cantores manifestando apoio as vítimas.



Fonte: Postagens do twitter replicadas nas publicações da Folha e do G1

Além das hashtags, o uso de imagens dos desaparecidos foi bastante intenso, principalmente para o compartilhamento nas redes em busca dos paradeiros. Entretanto, com relação à circulação das imagens é importante ressaltar que não houve a exposição dos corpos, apenas a divulgação das fotos dos desaparecidos e dos vídeos do momento do ataque que pouco mostravam da ação, mas que desencadearam um sentimento coletivo de medo e de luta contra o terror, reiterando manchetes e imagens já vistas, em especial nos atentados ao Charlie, Bataclan e 11 de setembro.

5. O conjunto dos episódios e as considerações preliminares

Diante de nossas pesquisas iniciais, percebemos o quanto a mediatização é um fenômeno instaurado socialmente, isto é, vivemos em uma sociedade em que não é possível fugir das lógicas de mediatização. Isto porque as práticas sociais estão atravessadas por usos e apropriações de meios, mas não apenas isso, da gradativa adoção do fazer midiático por parte de atores, mesmo quando estes estão localizados na condição de vítimas. Tome-se aí os atentados terroristas analisados neste trabalho e o



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

modo como suas coberturas jornalísticas se realizaram de num intercruzamento de processos, desenvolvidos ora por parte das instituições jornalísticas e agências de notícia, ora pelos atores sociais. Infere-se que há uma teia midiática sendo tecida na circulação, tal teia é composta por conteúdos cada vez mais personalizados e complexos.

Outro aspecto a se considerar é que o próprio jornalismo está buscando caminhos de reinvenção, visto que apesar dos critérios de noticiabilidade serem preservados, os modos de fazer jornalismo são perpassados por lógicas de amadores, isto é verificável quando as fontes se tornam postagens do twitter ou quando um repórter desenvolve um percurso narrativo idêntico ao dos amadores, inclusive com a mesma carência qualitativa visual.

Neste sentido, observa-se que a imagem, posta em circulação, é cada vez mais importante para as coberturas jornalísticas, pois estas ajudam a construir um panorama mais abrangentes dos atentados, ao mesmo tempo que permitem sua reatualização, toda e cada vez que fotografias e vídeos são valoradas na circulação. Com o fácil acesso à internet, nota-se que os atores sociais dão um suporte diferenciado para o Jornalismo, fazendo com que a informação seja ainda mais imediata e repleta de detalhes. Em contrapartida, ante uma oferta maior de imagens, verifica-se a reiteração e fixação de poucas, como se apenas algumas fotografias e vídeos tivessem potência para permanecer em circulação. Importante destacar que cada atentado tem processualidades específicas, pois no Bataclan muitos flagrantes foram realizados (imagens de uma grávida na janela, o momento dos disparos), já no caso de Manchester são poucas as imagens que mostram o acontecimento, este é traduzido mais pelos registros dos fãs da cantora Ariana Grande e pelas manifestações de celebridades via *hashtags*.

É interessante salientar algumas descobertas iniciais em nosso estudo: uma delas é a forma como os atores se apropriam de fazeres que independem da gênese de suas atuações, isso denota uma expansão no âmbito midiático. Tanto na replicação de imagens como de textos, temos uma tentativa de adentrar em nichos antes designados a um ente apenas: o campo do jornalismo ou da polícia. Neste sentido, os dispositivos midiáticos variam ratificando o processo de circulação que ganha a função de hibridizar zonas de contato e indivíduos que nela atuam, sendo que as bordas entre jornalismo,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mdiatização e Processos Sociais

cidadãos comuns e celebridades parecem cada vez mais se apagar. Assim, na cotinuidade da pesquisa nosso foco está em compreender como estes atentados permanecem em circulação, em especial quando não estão evidenciados materialmente, assim como vemos no 11 de setembro e no recente aniversário de 3 anos do ataque à redação do Charlie Hebdo, quando foi perceptível uma espécie de sombreamento, fortalecida pelos movimentos fágicos do próprio jornalismo que consome a si mesmo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. *Circuitos versus campus*. IN: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilda (orgs) **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA: Brasília, Compós, 2012.

BRAGA, J; FERREIRA, J; FAUSTO NETO, A.; GOMES, PG. (orgs). **Dez Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das letras, 1990.

CARLON, Mário.; FAUSTO NETO, Antonio. **Las políticas de los internautas: nuevas formas de participación**. Buenos Aires: La Crujía, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. IN: **Mediatización, Sociedad e Sentido** (2010). Disponível em

<http://www.cim.unr.edu.ar/archivos/cuaderno_del_coloquio_final_2.pdf#page=3>

Acesso em 15/10/2013

EL PAÍS. **O que se sabe sobre o atentado no show de Ariana Grande em Manchester**. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/23/internacional/1495500017_984436.html.

Acesso em 23 de agosto de 2017

FERREIRA, Jairo. **Um caso sobre a midiatização: caminhos, contágios e armações da notícia**. In: *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.

_____ **As instituições no ambiente das mediações líquidas: entre dispositivos e circulação emergentes**. IN: MARCHIORI, Marlene. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. Editora Difusão, 2012.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. Explosão após show de Ariana Grande deixa 22 mortos em Manchester. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/05/1886416-explosao-deixa-mortos-e-feridos-em-arena-de-manchester-no-reino-unido.shtml>.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Folha. Ataques coordenados aterrorizam Paris e deixam 129 mortos. **Folha**. São Paulo, 13 nov. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706236-policia-francesa-registra-tiroteio-e-explosao-em-paris.shtml>> Acesso em 22 dez. 2017.

Folha. Polícia francesa invade Bataclan e mata dois terroristas. **Folha**, São Paulo, 13 nov. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706326-policia-francesa-invade-bataclan-e-mata-dois-terroristas.shtml>> Acesso em 22 dez. 2017.

G1. Em série de ataques contra Paris, casa de shows tem dezenas de mortes. **G1**, São Paulo, 13 nov. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/ataque-casa-de-show-bataclan-em-paris-deixa-dezenas-de-mortos.html>>. Acesso em 22 dez. 2017.

Gazeta do Povo. Bataclan é palco de maior ataque em noite de terror em Paris. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 nov. 2015. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/bataclan-e-palco-de-maior-ataque-em-noite-de-terror-em-paris-8t13qfwml16s4mthzh0d6hpnv>>. Acesso em 22 dez. 2017.

GaúchaZH. Vídeo mostra início de atentado terrorista no Bataclan, em Paris. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 15 nov. 2015. Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/video-mostra-inicio-de-atentado-terrorista-no-bataclan-em-paris-152140.html>>. Acesso em 22 dez. 2017.

MUSICAL UOL. Fãs e artistas criam "corrente solidária" após atentado em show de Ariana. Disponível <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2017/05/22/fas-criam-corrente-solidaria-apos-explosao-em-show-de-ariana-grande.html>. Acesso em 8 de março de 2018.

PORTAL G1. Explosão após show de Ariana Grande deixa 22 mortos em Manchester. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/estouro-e-ouvido-perto-de-arena-de-manchester.ghtml>. Acesso em 7 de março de 2018.

Acesso em 7 de março de 2018

ROSA, Ana Paula da. **Imagens- Totens**: a fixação de símbolos nos processos de mediatização. São Leopoldo: Unisinos, 2012 (Tese de doutorado) disponível em <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000003/0000033A.pdf>

ROSA, Ana Paula da. "Imagens-totens em circulação: a chancela jornalística no caso Michael Jackson". In: **Revista E-Compos**. Vol 17, nº 2. Disponível em <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewArticle/1052>

ROSA, Ana Paula da. De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. In: **Nuevas mediatizaciones, nuevos públicos**: cambios en las prácticas sociales a partir de las transformaciones del arte y de los medios en red. Argentina: Universidad Nacional de Rosario, 2016.

_____. **O êxito da gula**: a indestrutibilidade da imagem totem no caso Aylan Kurdi. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2016. Disponível em http://www.compos.org.br/biblioteca/exitodagula-comautoria_3288.pdf . Acesso em: 11 abr. 2017.

Veja. Paris amanhece em choque após pior atentado da história da França. **Veja**, São Paulo, 14 nov. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/paris-amanhece-em-choque-apos-pior-atentado-da-historia-da-franca/>> Acesso em 22 dez. 2017.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

VICENTE, Álex. Por que o Estado Islâmico odeia a França. **El País**. Paris, 19 nov. 2015. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/16/internacional/1447667622_460439.html>
Acesso em 22 dez. 2017.